

A guerra comercial entre os EUA e a China: para além das tarifas, uma disputa pela hegemonia global

Agostinho F. A. J. Mateus

(Economista)

mateus.cams@yahoo.com

O conceito clássico de guerra comercial remete à imposição recíproca de tarifas alfandegárias e outras barreiras ao comércio internacional, frequentemente em desacordo com os princípios do sistema multilateral de trocas (Poty, 2023). Contudo, no caso das tensões comerciais entre os Estados Unidos da América (EUA) e a República Popular da China, essa definição revela-se insuficiente para descrever a profundidade e a complexidade do conflito em curso. O que inicialmente se apresentou como uma disputa em torno de tarifas e balança comercial rapidamente assumiu contornos estruturais, com implicações geoeconómicas e geopolíticas de longo prazo.

As duas economias em questão — as maiores em termos de Produto Interno Bruto (PIB) e volume de comércio — estão fortemente interligadas. Qualquer alteração nas dinâmicas bilaterais entre elas tem repercussões imediatas sobre o sistema económico internacional. A interdependência, porém, não impediu a eclosão de uma escalada protecionista, iniciada em 2018 sob a administração Trump, com a aplicação de tarifas adicionais a centenas de produtos chineses. Esta estratégia foi justificada por Washington como resposta a práticas comerciais consideradas desleais, à protecção insuficiente da propriedade intelectual e ao défice comercial acumulado com a China. Pequim respondeu com medidas simétricas, incluindo tarifas retaliatórias e queixas formais junto da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Contudo, os efeitos económicos destas medidas revelaram-se ambíguos. Nos EUA, empresas importadoras enfrentaram o aumento dos custos de produção, nomeadamente nos sectores de transformação e retalho, dada a forte dependência de insumos oriundos da China. Em simultâneo, os consumidores absorveram parte desses custos, com impacto negativo na procura interna. Na China, por sua vez, registou-se uma redução significativa das exportações para o mercado norte-americano, o que forçou uma reorientação das cadeias de fornecimento e incentivou medidas de substituição de mercados e diversificação tecnológica.

Apesar do foco inicial estar na balança comercial — cujo défice com a China ultrapassou os 350 mil milhões de dólares anuais durante a década de 2010 —, essa variável não explica, por si só, a dimensão estratégica do conflito. Importa recordar que, no quadro do sistema monetário internacional, a posição do dólar como principal moeda de reserva exige que os EUA apresentem défices comerciais sustentados, os quais contribuem para a circulação e a liquidez do dólar a nível global (Fernandes, 2015). Um corte drástico nesse défice comprometeria a confiança no sistema financeiro internacional e, paradoxalmente, fragilizaria a própria posição dos EUA enquanto potência monetária central.

O verdadeiro núcleo da disputa encontra-se, pois, na disputa por liderança nas cadeias globais de valor e no controlo das tecnologias emergentes. A rivalidade sino-

americana manifesta-se de forma mais intensa nos sectores ligados à inteligência artificial, semicondutores, telecomunicações, veículos eléctricos e infraestruturas digitais — áreas em que o domínio confere vantagens não apenas económicas, mas também políticas e militares. A imposição de restrições à Huawei, por parte dos EUA, ou os programas chineses como o “Made in China 2025” e as directivas do 14.º Plano Quinquenal, ilustram a natureza estratégica da competição.

Neste sentido, a guerra comercial pode ser interpretada como um sintoma de uma transformação mais ampla: a entrada da China na disputa pelo domínio do mundo. A competição em torno de padrões tecnológicos, normas de comércio digital e infraestrutura de conectividade global (como a Iniciativa “Um Cinturão, Uma Rota”) revela que a disputa é, antes de tudo, pela definição das regras do jogo global no século XXI.

Deste modo, compreender a guerra comercial entre os EUA e a China exige uma abordagem multidimensional, que articule os factores económicos com os imperativos de segurança, soberania tecnológica e redes de influência. Longe de se tratar de um episódio conjuntural, trata-se de uma disputa estrutural com efeitos sistémicos. As decisões que hoje se tomam em Washington e Pequim repercutem-se em Luanda, Brasília, Bruxelas ou Tóquio — evidenciando o entrelaçamento entre economia internacional e geopolítica num mundo em acelerada transformação.

Bibliografia

- Bown, Chad P. (2021) – “The US–China Trade War and Phase One Agreement”. Disponível em: <https://www.piie.com/sites/default/files/documents/wp21-2.pdf>. Acesso em: 04.05.2025
- [Congress.gov](https://www.congress.gov) (2021) - China's 14th Five-Year Plan: A First Look. Disponível em: <https://www.congress.gov/crs-product/IF11684>. Acesso em: 04.05.2025
- Fernandes, Marcelo Pereira (2015) - Uma nota sobre a literatura acerca das causas dos desequilíbrios globais no contexto da globalização financeira. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3406/09%20Fernandes.pdf?utm_source=chatgpt.com. Abril/2015. Acesso em: 03.05.2025
- Grünberg, Nis (2021) - 14º Plano Quinquenal da China – fortalecimento da base nacional para se tornar uma superpotência. Disponível em: <https://merics.org/en/comment/chinas-14th-five-year-plan-strengthening-domestic-base-become-superpower>. Acesso em: 04.05.2025
- Poty, Italo (2023) - A guerra comercial entre os estados unidos e a china (2018-2020): geoeconomia e competição tecnológica; Rev. Esc. Guerra Nav., Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 451-482, maio/agosto 2023.
- Zenglein, Max J. & Holzmann, Anna (2019) – “Evolving Made in China 2025: China’s Industrial Policy in the Quest for Global Tech Leadership”. Disponível em: <https://merics.org/sites/default/files/2020-04/MPOC%20Made%20%20in%20China%202025.pdf>. Acesso em: 04.05.2025.